

HOMENAGENS

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA (1910 — 1977)*.

Aldo Janotti

Aceitando honrosa incumbência da Chefia do nosso Departamento de História, eis-me aqui perante os meus caros colegas na mais inimaginável das situações: falar numa cerimônia de homenagem à memória de Eurípedes Simões de Paula.

Por que incumbiu-se a mim de falar? Certamente por ter sido o mais antigo dos seus ex-assistentes do Setor de História Antiga. Setor de História Antiga... mas que digo eu? Tratava-se, anteriormente, da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval e que tinha nele o seu catedrático. Ah! as relações assistente-catedrático... O assistente era um homem ligado ao seu catedrático pelo vínculo da confiança. Vínculo este, que permitiu um dia observar-se nessas relações um certo que de feudalidade. Aliás, a própria cátedra universitária chegou até a ser vista como assemelhada a um feudo. Nela, tal qual um senhor, o catedrático estabelecia a sua suserania. Suserania cobre uma determinada área do saber e sobre os que nessa mesma área com ele trabalhavam.

Não nos deixemos levar, porém, por falsas impressões e nem nos precipitemos com lavrar sentenças condenatórias. É preciso saber ver o lado bom e o aspecto positivo das coisas. Como que naturalmente se estabeleceu entre Eurípedes Simões de Paula e seus assistentes uma reciprocidade de interesses. Ao serviço que os assistentes prestavam no âmbito da Cadeira, respondia o Catedrático: amparava, incentivava, interessava-se por encontrar as melhores condições de trabalho para os seus assistentes. E não parava aí: orientava-lhes a produção científica, obtinha-lhes bolsas de estudo para o aperfeiçoamento no exterior, solidarizava-se com eles. Suserano universitário, era o protetor dos seus assistentes.

* Oração pronunciada na sessão "in memoriam" promovida pelo Departamento de História da FFLCH/USP, 19 de dezembro de 1977.

A amizade surgia, e surgia espontaneamente. Recíproca, verdadeira, forte. Íntegro e mais experiente da vida, ele se comportava como confidente e conselheiro. Apadrinhava casamentos. Se necessário, prestava favores de ordem material. Era o amigo dos seus assistentes. Os contactos eram diários, pois costumava-se ir todas as tardes à rua Maria Antônia. Havia o desejo sincero de ver o amigo e os amigos, de interessar-se por tudo que era do interesse da Cadeira e do seu chefe, da Faculdade e do seu diretor. Vivia-se e convivia-se. A preocupação com o cultivo da cultura suplantava de longe a preocupação com o cultivo da carreira. As ambições não estavam descaimadas e nem campeava infrene o carreirismo.

Havia orgulho em ser aluno ou professor da Escola. Esta, apesar de incompreensões pouco dignificantes, cumpria a sua dupla finalidade: a pesquisa da ciência pura e a formação de professores para o ensino secundário. Em tudo e por tudo era uma escola nova e renovadora. Sua função cultural não se coadunava com a até então quase que exclusiva preocupação com a ciência aplicada; como também sua função pedagógica conflitava com o dominante didatismo. Em tudo e por tudo era uma escola de combate: lutava pela conquista da hegemonia no campo da cultura e da pedagogia. Compreensível — levando-se apenas em conta o acanhamento do ambiente cultural — o despertar das reações dos interesses contrariados; embora de forma alguma compreensível o desfavor com que a autoridade pública a tratava, esquecida de que o interesse da Escola significativa antes de mais nada o seu próprio interesse. Suas instalações, por exemplo, contrapondo-se às de outras escolas — algumas até opulentas — eram as mais precárias, e geralmente de aluguel. A exemplo do que acontecia com a Universidade medieval, ela migrava e migrava com frequência. Sua pobreza material, porém, contrastava com a sua riqueza espiritual. Muitos dos seus mestres eram famosos no Brasil e no exterior; e, note-se, famosos tão somente pelo que representavam como intérpretes da cultura e transmissores dela. Comum era a contratação de renomados professores estrangeiros, boa parte dos quais acabou aqui se radicando por longo tempo ou definitivamente. A bibliografia utilizada nos diferentes cursos das suas numerosas secções era moderna e de procedência diversificada. Seus diplomados, mercê da específica formação que recebiam, renovavam o ensino quer no magistério oficial quer no magistério particular. Estes estavam simbolizados na figura célebre do licenciado. A Escola era ciosa do diploma que conferia aos que por ela se licenciavam. O licenciado... quantos debates, quantas campanhas... Como era ciosa ainda da liberdade das idéias que o seu ensino veiculava e também da sua autonomia como instituição universitária. Contrariada, reagia e reagia vigorosamente: notáveis foram seus manifestos ao Povo e à Nação. Havia orgulho, repito, de ser aluno ou docente da Escola; havia satisfação de trabalhar com o seu catedrático. Fui aluno e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; fui assistente de Eurípedes Simões de Paula.

*

* *

De lá para cá o tempo passou, o mundo mudou. Eu também mudei. A antiga Escola não existe mais e ele morreu. Saudosista eu? Evidente que sim: mas quem não é? Saudade da antiga Escola... Um vício da nossa maneira de pensar e de agir: opor-se renitentemente às transformações mais necessárias para, num repente, proceder a mudanças nem sempre condizentes com as suas premissas originais. Uma reforma universitária que, acredito, ainda não foi suficientemente explicada no que se refere tanto aos seus motivos quanto às suas finalidades, proporcionou o estilhaçamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Poderosa força centrífuga fez desgarrar diversos setores do conteúdo do seu saber, que acabaram se acomodando no continente de novas denominações universitárias. A Faculdade que era por si só uma espécie de Universidade foi a matriz da formação de numerosas faculdades.

O que eu lamento, não é tanto o desaparecimento da antiga Escola. Afinal, posto que profundamente transformada, ela continua a existir. O que lamento sim, é verificar o quanto era diferente o ambiente quando ela se afirmava como o mais poderoso núcleo cultural da Universidade de São Paulo: permeabilidade relativamente às idéias, respeito às vezes e mesmo opostas posições, confiança na instituição escolar, otimismo quanto ao seu papel de agente transformador da cultura e da mentalidade brasileiras. Não há dúvida, muita coisa mudou.

Além disso, lamento também e muito mais o fato do tempo ter passado. Mas aquele era o tempo em que o tempo não passava... Acreditava-se que ele era infinito e, portanto, podia ser gasto perdulariamente. Tudo se deixava por conta do tempo, capital inesgotável... Não se sentia nostalgia do passado; sentia-se sim nostalgia do futuro. O futuro não era próximo e sim longínquo, inatingível. Foi quando me tornei aluno da Escola e o conheci jovem catedrático, não de há muito voltado da guerra. O tempo passou! Mas este é o destino do homem e esta é a noção peculiar à vida do ser humano: a finitude do tempo, o término da vida. Há que se conformar.

Mesmo porque, nem toda perda é irreparável. Às vezes podem surgir formas de compensação. Uma nova escola, a nossa Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, foi uma dessas formas a compensar o desaparecimento da antiga Faculdade. Somos o que restou dela. Mais do que isso, ousa dizê-lo e sem pretender ferir susceptibilidades, somos os herdeiros mais legítimos da sua preocupação mais autêntica: o homem. O homem do presente e do passado, o homem só e em sociedade, o homem nas suas relações com o meio geográfico e nas suas cogitações filosóficas, o homem do Ocidente mas também do Oriente,

enfim o homem da Humanidade e em todas as manifestações de que ele é capaz: tudo isto é o objeto do ensino e da perquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A parte maior da produção intelectual dos seus mestres demonstra, insofismavelmente, que se trata de uma grande escola. Apesar das vicissitudes, impõe-se no imensurável campo das suas preocupações como o maior centro universitário do país. É reputada internacionalmente. Sou professor nela e me orgulho dela. Em parte houve compensação.

*

* *

Às vezes, no entanto, a perda é irreparável, sem compensação. E quando se tem noção exata do muito que se perdeu, não é fácil o conformismo. A tristeza que tomou conta de nós quando ele morreu, que ainda hoje permanece, frequentemente chegando à angústia — sei o que estou falando —, nos proporciona esta noção exata da grandeza da perda.

Homem de personalidade nítida, que se manifestou marcadamente em diversos campos da atividade cultural e dotado de bondade mais única do que rara, é inquestionavelmente personagem digna de biografia. Esta um dia se fará. Não, porém, agora. No momento, embora possa parecer paradoxal, estamos menos preocupados com ele e mais conosco. Ele resolveu o seu grande problema aqui, deixando o mundo dos vivos. Porque sou homem de fé, pelo menos me consola a crença que, no final das contas, ele tudo ganhou. Preocupemo-nos conosco. Fomos nós que perdemos, e, perdemos muito.

Perdemos o catedrático Eurípedes Simões de Paula. Como tal, perdemos o professor. Um professor que tinha inata vocação para o magistério: era consciente da sua missão, sempre esteve bem equipado para cumpri-la, queria bem aos seus alunos, estimulava-os, emprestava-lhes livros, era tolerante, alegre, otimista, gostava do convívio com a juventude. Perdemos o historiador: o historiador de produção fértil e generosa, que não se preocupava apenas com a elaboração de trabalhos eruditos mas que, plenamente cômico da sua função social de historiador, também procurava fazer-se entender o mais fácil e amplamente que possível, escrevendo sobre questões históricas as mais variadas. Perdemos o incentivador da cultura: a Sociedade de Estudos Históricos, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História dificilmente se desenvolveriam caso não contassem com o seu empenho. E que dizer da *Revista de História*, que ele considerava a sua maior realização e da qual tanto se orgulhava?: foi seu fundador e único diretor; abria suas páginas a todos que desejavam ou precisavam publicar seus trabalhos;

criava a *Coleção da Revista de História*, pois sabia enfrentar os obstáculos editoriais: seus números, hoje chegando a dezenas de títulos, outra coisa mais não são que teses de docentes do Departamento de História e de outros departamentos e que somente não permaneceram inéditas graças ao fato da *Revista de História* tê-las publicado sob forma de fascículos; mantinha a Revista às suas próprias expensas; divulgou-a pelo Brasil e pelo exterior; intercambiava-a com as melhores revistas do país e do mundo; distribuía a quantidade maior dos seus números a título gratuito; financeiramente sempre foi deficitária, mas transformou-a num patrimônio valioso da nossa cultura. Perdemos também o administrador. Perdemos o nosso Diretor, nosso famoso Diretor. Confundia com a sua própria vida a Escola onde se formara, lecionava e dirigia. Nunca ninguém dirigiu por tanto tempo uma faculdade da Universidade de São Paulo. Sabe-se muito bem porque: liberal por temperamento e convicção, a todos — professores, alunos, funcionários — procurava compreender; de todos se aproximava, independentemente de posições políticas e ideológicas, e a todos permitia a aproximação; interessava-se por todos, na Faculdade ou fora dela; atendia a todos e a qualquer hora, mesmo porque não era do seu feitio trancar-se em seu gabinete. Dirigiu a sua Escola com o mesmo amor com que um chefe dirige a sua família e sempre procurou dar-lhe a tranquilidade e a segurança.

Nossa perda, todavia, é ainda maior. Além do catedrático, perdemos o homem Eurípedes Simões de Paula. Perdemos o homem bom: o homem sensível às dificuldades e ao sofrimento do seu semelhante; que procurava ajudar a todos e que se sentia feliz a todos ajudando: é difícil encontrar alguém que, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ou na atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, não tenha recebido dele uma atenção, uma gentileza, um favor, na maior parte das vezes um grande favor, um decisivo favor. Perdemos o homem otimista: que era saudável, que tinha alegria de viver, que sabia transformar as dificuldades em facilidades, que estimulava o colega, o aluno e o subordinado, que tinha a boa vontade, que infundia a confiança e confiava e que sempre esteve reconciliado com o ser humano. Perdemos o homem modesto, que assim escrevia em 1950 ao anunciar o Programa da *Revista de História* que fundava: “Escusado será dizer que não pretendemos, de forma alguma, competir com as publicações especializadas já existentes no país, e principalmente com as que se dedicam aos assuntos da História Pátria; pretendemos, isso sim, merecer um modesto lugar entre elas, dando publicidade a trabalhos que provavelmente não poderiam ser acolhidos em suas páginas, à vista das exigências muito razoáveis da especialização, às quais devem subordinar-se”. Perdemos o homem do dever: que convocado para o guerra, preparou-se para ela, mas não aceitando dispensa a que tinha direito, fez-se guerreiro nos campos de batalha do Velho Mundo; que, como Diretor digno, achava que era do seu dever

preocupar-se com o destino de alunos e professores além das paredes da Faculdade que dirigia.

*

* *

Com a morte de Eurípedes Simões de Paula todos perderam. A cultura brasileira, as instituições que dela são o repositório, os homens e, com eles, a Humanidade, perderam. E, em meio a tudo, eu também perdi. Venho à Faculdade, mas não vejo mais meu mestre, meu amigo, meu padrinho de casamento, meu chefe. É natural que esteja triste e me sinta mais só. Tenho muita saudade dele.